



CURRÍCULO, PANDEMIA E ENSINO REMOTO: COMBATENDO OU POTENCIALIZANDO AS DESIGUALDADES?

Mitishaeli Leôncio da Silva Sousa¹

Maria Gabrielly da Silva Gonçalves²

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar como o ensino remoto durante a Pandemia da COVID-19 favoreceu a perpetuação das desigualdades educacionais e, em contrapartida, identificar a existência e efetivação de práticas docentes que auxiliem no enfrentamento dessas desigualdades.

Iniciamos pela definição de currículo, que de acordo com Lima *et al* (2020, p. 4), constitui um “um conjunto de disciplinas e atividades, sendo organizado com objetivos e metas, estruturando assuntos de determinada área do conhecimento, para facilitação do aprendizado”. Nessa perspectiva, compreendemos que na medida em que o currículo não é executado de forma a inteirar as distintas situações dos seres em formação, constrói-se um domínio de exclusões culturais, sociais, segregando e/ou delimitando as pessoas em seu desenvolvimento educacional. Então, sabendo que a educação é um direito de todo cidadão, sendo um dever do Estado e da família, segundo a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), podemos refletir se esse direito foi efetivado com o modelo de ensino estabelecido devido à pandemia da Covid-19 e com a necessidade de medidas preventivas estabelecidas pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

Quando falamos em educação no Brasil, compreendemos que vários tipos de desigualdades perpassam a escola e seus sujeitos e que, nesse tempo pandêmico, mais um tipo de desigualdade está sendo reafirmada, como é o caso da desigualdade digital. A exclusão digital, de acordo com Almeida et al. (2005, p. 2), “pode ser vista por diferentes ângulos, tanto pelo fato de não ter um computador, ou por não saber utilizá-lo (saber ler) ou ainda por falta de um

¹Graduanda em Pedagogia pela UFPE, Recife, PE. e-mail: mitishaelisilva@outlook.com.

²Graduanda em Pedagogia pela UFPE, Recife, PE. e-mail: mariagabigabrielly2001@gmail.com.



conhecimento mínimo para manipular a tecnologia com a qual convive no dia dia”, o que torna preocupante a situação de grande parcela da escola pública nesses tempos. Como advertem Rocha, Favero e Souza (2021, p. 1):

A concretização do conhecimento encontra grandes dificuldades quando se trata de ministrar a educação nos meios populares, onde as condições educacionais já são desfavoráveis, dificultosas e agravadas face a uma pandemia. Um mal que desencadeou o ensino remoto, demandando mais capital cultural e econômico dos estudantes para acessarem as aulas.

A pesquisa foi realizada a partir de revisão bibliográfica, que segundo Fonseca (2002, p.32 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37): “utiliza referências teóricas retratadas de materiais já elaborados, retirados muitas vezes de livros e artigos”. E entrevistas semiestruturadas, através do aplicativo Google Meet, com professoras atuantes, tendo por objetivo entender a realidade investigada.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Analizamos os dados coletados através de entrevistas realizadas com duas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, do município do Cabo de Santo Agostinho e da cidade de Paulista. De acordo com a ética da pesquisa em ciências humanas e sociais, as entrevistadas serão identificadas por P1 e P2, respectivamente. De posse dos dados e informações colhidos, buscamos entender a realidade vivida nas escolas, tendo em vista o objetivo da pesquisa.

Dentre o conjunto de questões, houve indagação quanto a: Do seu ponto de vista, as aulas remotas favorecem as desigualdades educacionais e sociais? Se sim, quais desigualdades? A escola oferece algum auxílio para que os alunos tenham acesso ao ensino durante o período pandêmico? Existem crianças em sua classe em situação de vulnerabilidade social? Se sim, quais são suas estratégias para incluí-las no processo de aprendizagem? Tendo em vista as desvantagens que enfrentam, é possível utilizar o currículo para combater as desigualdades sociais? Como?

Com base nas respostas das professoras, observamos que a desigualdade social reproduz outras desigualdades que perpassam a escola, e que, sobretudo neste momento em que o ensino se adaptou, vê-se sobressaída mais uma desigualdade na vida desses estudantes: a desigualdade digital. Foi possível identificar que o ensino remoto tem asseverado as desigualdades educacionais existentes no ambiente escolar, considerando que muitas crianças em condições de vulnerabilidade social não tiveram ou não estão tendo acesso às aulas remotas, o que tem ocasionado um “estancamento na aprendizagem”. Além disso, constatamos que não houve, nas escolas onde atuam as professoras, disponibilidade de recursos tecnológicos para a inclusão destes estudantes de baixa renda no processo educativo.

Sobre as práticas curriculares no combate às desigualdades educacionais, depreende-se que, em certa medida, as docentes criaram estratégias para que os impactos ocasionados pelo ensino remoto fossem suavizados, fazendo com que essas crianças “excluídas” fossem incluídas no processo de ensino-aprendizagem, através da flexibilização do currículo, adaptando-o às necessidades e especificidades. Outro aspecto importante, identificado na fala de uma das entrevistadas, foi a existência de uma prática curricular que colocava o aluno numa posição reflexiva e crítica acerca do seu lugar no mundo, como sujeito de direitos e capaz de lutar para superar barreiras impostas.

CONSIDERAÇÕES

Consideramos o tema deste artigo relevante, por ser mobilizador de uma discussão necessária a respeito de práticas curriculares e a necessidade emergente de estas estarem ligadas ao enfrentamento das desigualdades existentes e, muitas vezes, reafirmadas pela escola. Também por nos levar a refletir acerca dos impactos causados pelo ensino remoto na aprendizagem dos alunos da escola pública de ensino fundamental (em um recorte de classe social) e o quanto é preciso investir em políticas educacionais que tenham por objetivo diminuir os contrastes socioeducacionais tornados ainda mais



evidentes durante a pandemia. Desta forma, é necessário que o docente produza estratégias que visem combater as desigualdades como: despertar a criticidade e reflexão acerca das questões sociais e a educação através de seu ensino; Desenvolver atividades, trabalhos e projetos que auxiliem na suavização dos impactos ocasionados pelas desigualdades; Estar atento a seu quefazer, para que este não seja excludente; lutar por uma educação pública e de qualidade reivindicando às autoridades, e sobretudo estar em constante formação, o que possivelmente irá direcioná-lo para aprofundamento do problema e engajamento pela causa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lília Bilati et al. O Retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. **Revista de Gestão e Tecnologia e Sistemas de Informação**, Cidade v. 2, n.1, p.55-67, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jistm/a/7BZxyCX73JT9tjbBmsbfZ8w/abstract/?lang=pt.>> Acesso em: 01 Dez. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 25 nov. 2021.

DAMASCENO, Ana Maria ; MESQUITA, Maria Eny. Contribuições norteadoras do currículo no contexto escolar. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 12. 2015, Curitiba. **Anais ...** Curitiba, 2015. p. 26-29.

Denise; CORDOVA, Fernanda. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tania; SILVEIRA, Denise (SILVEIRA org.). **Métodos de Pesquisa**. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p.31-41.

JESUS, Adriana Regina de. **Currículo e educação**: conceito e questões no contexto educacional. CAPES, São Paulo, 2017, p.1 -14.

LIMA, Michelle Castro; AZEVEDO, Sabrina David de; NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do. Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020. **Itinerarius Reflectionis**. cidade, v. 16, n. 1, p. 1 -20, out./ 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/65753>. Acesso em: 29 nov. de 2021.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais,



pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, cidade, v. 34, n. 73, p. 262-280, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/SGqJ6b5C4m44vh8R5hPV78m/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MORAES, Lucas. Em Pernambuco, 908 mil casas não têm acesso à internet por falta de dinheiro ou porque as pessoas não sabem usá-la. **Jornal do Comércio**. 24 mar. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2020/04/5607642-faltam-dinheiro-e-habilidade-de-uso-para-908-mil-lares-de-pernambuco-terem-acesso-a-internet.html>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ROCHA, Bruna Eduarda; FAVERO, Suelen; SOUZA, Wylana Cristina Alves De. (Des)Igualdades no acesso ao ensino remoto: uma análise acerca da aprendizagem nos meios populares durante a pandemia da Covid 19. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, cidade, ano 06, v. 09, n. 6, p. 83-99, jun. 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/populares-durante>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SOUZA, Francisco Overlande Manço de; SILVA, Humberto Salustiano da. Desigualdades educacionais em tempos de pandemia: os desafios dos estudantes da escola pública e das favelas cariocas em meio à crise sanitária global. **Revista Espaço Crítico**, cidade, v.2, n. 2, p. 52-68, jun. 2021. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/rec/article/view/1025> . Acesso em: 29 nov. 2021.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NETO, Jerônimo Gregório da Silva; SANTOS, Marilde Chaves dos Santos. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico - RELAEC**, v. 1, n. 4, p. 1- 16, jul./ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/ipa>. Acesso em: 4 nov. 2021.